



# O Gaicatto



PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 17 de Outubro de 1981 \* Ano XXXVIII — N.º 981 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

A Igreja é feita de «pedras vivas» que são os homens; é para eles, guia e caminho que os leva à sua Felicidade; construção nunca acabada até ao fim do Tempo, a prosseguir por todas as gerações.

Foi da própria estrutura essencial da Igreja que Pai Américo bebeu a fórmula eminentemente activa e responsabilizante da sua pedagogia, a norma da sua acção: Obra deles, para eles, por eles; sejam eles rapazes, sejam doentes, fossem presos... — homens necessitados de uma mão fraterna para se levantarem e andarem por si.

Esta paixão pelo Homem não é circunstância de tempo. Na Antiga Aliança, sobretudo

## Ensino social da IGREJA

pela voz dos Profetas, é Deus quem clama Justiça em favor dos homens, dos mais oprimidos, dos mais sacrificados. Todas as acções que manda proclamar são de libertação,

para que todo o homem, procurando-se justo em si-mesmo, seja fonte de Justiça para todos os homens. E haja em todos alegria de viver; e entre todos reine a Paz.

No Evangelho culmina esta Vontade divina. Agora não é por um Profeta mas pelo Seu Filho, pelo Seu Verbo, que dita aos homens os princípios fundamentais da convivência humana. Sem alterar um ápice ao que estava escrito, progride sobre a redacção antiga e renova-a: «Farás aos outros como quererias que te fizessem a ti». «Amarás como eu vos ame!»

E sobre os passos do Mestre, a Igreja começou a andar. Quem foi pelos escravos no decadente mundo antigo em que Ela nasceu? E depois, ao longo dos séculos, «quem é que ensinou a ler? Quem deu pão? Quem curou feridas? Quem arroteou?...» «A Igreja! A força irresistível da Mãe!» «Como gosto de mergulhar nestas verdades da História!» — expan-

dia-se Pai Américo. «Vinte séculos não a perderam. Outros tantos não a perdem! A Mãe!»

É esta Igreja, de cujo hímus Pai Américo se alimentou e deu frutos de Justiça, de Amor, de Paz, que continua a ensinar, agora pela voz de João Paulo II, nestes dias na encíclica «Laborem Exercens».

Nada de novo, pois! A Igreja, madrinha de todo o verdadeiro progresso humano, retoma, uma vez mais, a Sua missão de «Mãe e Mestra», na oportunidade de «novas condições e exigências que requerem novo ajustamento das estruturas da economia actual, bem como da

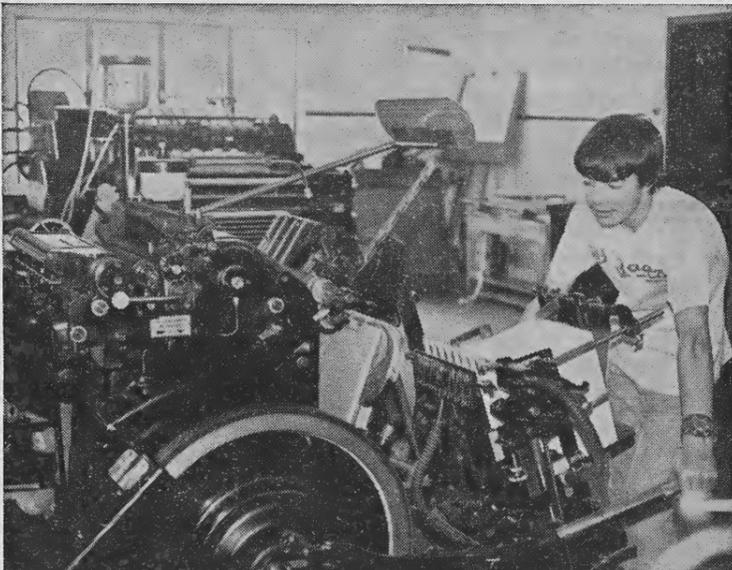
distribuição do trabalho». Fã-lo, porque, embora «Lhe não compita analisar cientificamente as possíveis consequências de tais mutações», considera sua tarefa: fazer com que sejam sempre tidos presentes a dignidade e os direitos dos homens do trabalho; estigmatizar as situações em que eles são violados; e contribuir para orientar as referidas mutações, a fim de que se torne realidade um progresso autêntico do Homem e da sociedade».

● O problema do trabalho está no centro da questão social.

«A situação geral do homem no mundo contemporâneo exige a descoberta de novos significados do trabalho humano e, além disso, a formulação de novas tarefas que, neste sector, se deparam a todos os homens, à família, a cada uma das nações e a todo o género humano e, por fim, à própria Igreja.»

Com efeito, as novas condições tecnológicas, económicas e políticas — «a automação

Cont. na 4.ª página



A automação generalizada poderá implicar o desemprego... «Mas, por outro lado, vir a proporcionar alívio e esperança a milhões de pessoas que hoje vivem em condições de vergonhosa miséria.»

## PARTILHANDO

O Augusto é um miúdo russo e de olhos azuis. Ele e o Victor são os dois mais pequeninos da nossa Casa. Há momentos passei pela casa 3 e lá vinha no colo de dois ex-chefes da lenha. Eu também caí na tentação de lhe pegar ao colo. Mas coisa importante é esta: «Lourinho» — actual chefe da lenha — chama por ele. E a criança deixa-nos com um sorriso envergonhado e nervoso... O lugar dele não era ali ao pé de nós. Acompanhei-o até ao grupo da lenha. Todos olhavam a sorrir. «Lourinho» não «perdoa» a brincadeira: — «Ó Augusto, vais levar...» Mete a unha do dedo polgar na boca e sorri, mais uma vez, para mim. Todos sorriram, até o «Lourinho»! Eu, o «Faniqueira» e o «Rebuçados» é que devíamos levar!...

Pelo Norte fora, o Augusto fez delirar multidões, em nossas Festas, com um gesto simples de mão a acompanhar a música de «eu vi um sapo». Pela nossa Casa, ele é tudo. É

de todos e todos o querem. E sempre encantador e independente aos mimos. Outra criança que não ele e aqui, era caso arrumado...

Quando o Augusto começou a ser nosso era tudo tão diferente de hoje! Ele não falava nem olhava para ninguém. Aqueles olhos azuis escondidos na vergonha do passado e no sofrimento dos seus quase três anitos. Sua mãe enlouquecera pelos maus tratos do pai...

«Macieirinha», irmão do Augusto, é diferente! Não tem olhos azuis nem cabelo russo. Não dá nas vistas nem precisa de tanto carinho. Sabe ser discreto, humilde e amigo. Como mais velho sabe apagar-se para que o seu irmão brilhe mais, seja e tenha mais...

Dois irmãos diferentes e tão iguais! Cada um no seu lugar! Cada um com sua verdade! Assim é que é!

Padre Moura

## AQUI, LISBOA!

Referimos na quinzena passada que cada deficiente é sujeito plenamente humano, com correspondentes direitos inatos, sagrados e invioláveis. Adiantaremos hoje que cada deficiente deve encontrar facilidades para participar na vida da sociedade em todas as dimensões e a todos os níveis, que sejam acessíveis às suas possibilidades.

Dizem as estatísticas que há no País cerca de um milhão de deficientes, entre os limitados físicos ou mentais, carenciados motores, cegos e surdos-mudos, isto é, cerca de um décimo da população, en-

tre os quais trezentas mil crianças. Ante tal espectáculo tudo o que se possa fazer em seu favor nunca será demais. Importa, pois, criar as condições e as estruturas indispensáveis para responder aos problemas postos, na ordem psicológica, social, familiar, educativa e legislativa, não só para acolher e educar o deficiente, como para prevenir e estancar os aspectos ou as situações que conduzem à deficiência.

Entre as causas maiores das deficiências existentes devemos apontar os acidentes de trabalho, que vitimam cerca de oitocentos mil trabalhadores

por ano, dos quais só recuperam oitenta mil; os acidentes de viação, cujo volume tem aumentado de ano para ano; o alcoolismo, cujas sequelas são bem visíveis; a precária ou inexistente assistência materno-infantil, sobretudo nas regiões rurais e interiores. Isto para não falar nas lesões ou estropiamentos da guerra de África. Educar as populações, em ordem a evitar as deficiências, e inculcar no espírito individual e colectivo a consciência da gravidade da problemática posta, são passos indis-

Cont. na 4.ª página

# PELAS CASAS DO GAIATO

## MIRAMMA DO CORVO

**RETIRO** — No último domingo de Setembro os rapazes, dos 15 anos até aos 20, reuniram-se no Lar de Coimbra. Foram dois dias de comunhão com Cristo para encontrar e melhorar o caminho da Vida. Sr. Padre Aníbal, organizador da Catequese dos Jovens na região de Coimbra, veio ao nosso encontro, conviver, ajudar-nos, falar de Cristo, da Fé — ajudar-nos a entender a Vida de Jesus Cristo, Filho de Deus feito Homem. Foram maravilhosos aqueles dois dias! Deram-nos mais coragem para vivermos melhor cada dia da nossa vida. Podemos agradecer ao sr. Padre Aníbal — e a Deus que nos deu aqueles dois dias na Sua comunhão. Obrigado amigo que vieste ao nosso encontro.

**MAIS GAIATOS** — Torno a citar este subtítulo porque continuaram a chegar mais rapazes. A nossa Casa está cheia! Já vamos para 113 rapazes. É muito! Deus queira que haja lugar ainda para mais; que todos tenhamos um cantinho onde haja alimento, cama e alegria.

**ANO ESCOLAR** — O ano escolar já começou: 62 rapazes na Instrução Primária e 23 em Coimbra; outros nas oficinas, cozinha e gado. Tudo distribuído, cada um na sua missão. O ano lectivo começa, nova vida aqui em Casa também recomeça.

Guido

## Paço de Sousa

**CONVÍVIOS** — Como em anos anteriores, os trabalhadores da EFACEC deslocaram-se até nós para uma confraternização que, de ano para ano, é mais evidente.

O largo da nossa Capela foi local indicado para o almoço de todos — em jeito de copo d'água. A chuva, felizmente, não caiu. Os miúdos transbordaram de alegria!

De tarde, reunimo-nos no salão de festas, onde muitos «Batatas» mostraram seus dotes de cantores (e que bem alguns cantaram!) acompanhados do nosso conjunto musical.

Depois, a merenda. Como no almoço, a mesma alegria e satisfação. Formulámos os nossos agradecimentos, estalaram os cumprimentos e consumou-se a despedida.

Até ao ano, se Deus quiser.

Os paroquianos de Sr.<sup>a</sup> da Areosa, no início do novo ano pastoral, não quiseram deixar de nos visitar.

O seu programa consistia em descansar, respirar o ar puro da nossa Aldeia, realizar um jogo de futebol com a nossa equipa, jogar à malha, fazer corridas de sacos...

A medida que o Domingo crescia, as pessoas modificavam-se. Queriam mais do que o pensado: Estar conosco; conversar sobre a nossa vida; conhecer a nossa comunidade. Partiram felizes, mais conscientes, mais realizados — mais nossos Amigos.

**CALÇADO** — O pedido, que há já algum tempo formulei, teve agora

uma grande contribuição: sapataria de renome, da cidade Invicta, brinda-nos com avultada quantidade de sapatos e botas, cuja falta era por demais preocupante. Com esta ajuda, o Inverno será menos rígido!

Bem calçados, agradecemos a oferta.

**APONTAMENTO** — Fugindo ao habitual, aqui vai um poema sobre a nossa vida — para delícia dos nossos leitores:

## Nós... e elas!

*O pisar da erva,  
O caminho.  
Viveiros.  
A nossa horta.*

*Ao longe cortam milho.  
O silo.  
O meu olhar.  
O meu caminhar.  
As aves cantam,  
Indiferentes?*

*Ao fundo, feijão.  
Em cima, o barulho dos miúdos.  
O nosso silo.  
Os viveiros.  
A nossa horta!  
A nossa Aldeia...  
A nossa... e a tua vida!*

*O vento fustiga...  
Outono!  
Novo ano escolar.  
Novos professores.  
Os mesmos (e outros) alunos...*

*A camisola que vesti,  
O frio que senti;  
Outono!  
Vindimas!  
O barulho dos miúdos...  
É o silo.  
Trabalho árduo e cansativo!  
A nossa vida!*

*Levanto-me.  
Desço.  
Caminho lento e pesado.*

*Ao longe..., o comboio.  
Perto, água.  
Fonte de S. João!  
Água fresca!  
Fruta madura!*

*À frente, escadas.  
Em cima, uvas.  
Ao lado, uvas.  
Atrás, uvas.  
O nosso dia-a-dia!*

*As aves cantam.  
Nós e elas.  
Nós... e elas!*

*A nossa piscina.  
Os banhos.  
Termina o Verão.  
Campos de milho,  
Verde e amarelo.  
A espiga.  
O grão.  
Farinha... e pão.*

*O vento fustiga!  
Caminho.  
Serralharia,  
O curso...  
Formação profissional.*

*Carpintaria...  
O nosso dia-a-dia.*

*As aves cantam.  
Nós e elas.  
Nós... e elas!*

Morgado

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Chegados à obra (para a família abandonada pelas fraquezas do pai), o pequenito estava aos saltinhos, de plantão! Acerca-se de nós, radiante: — «Boa tarde!» E dá-nos um beijo repolhudo!

Miramos e remiramos a casa em andamento, com o miúdo pela mão; e vemos ao fundo, sob a ramada, quase toda a família em descanso, no fim daquela tarde domingueira.

Fizemos, então, o ponto da situação — como agora se diz: quem pôde ou não trabalhar; materiais; transportes... E o acerto de contas — a carga dos nossos leitores.

— «Agora, com as bindimas, a cousa é mais difícil... Mas vai; a obra vai! Esta sumana F. e F. não vieram; estarão prà oitira, se Deus quiser. Mas já temos mais um trocha pr'a encher paredes; moço muito jeitoso na arte!

Este dar de mãos tem um valor inestimável. É uma grande Força da Auto-construção.

● — Esteja à vontade. Fale... — pedimos delicadamente.

Ergue então a face, lentamente, com lágrimas à mistura:

— «Se não fosse a minha sogra..., não teria coragem de os procurar!»

Ela tem um filho e espera outro com dificuldades:

— «O meu home está doente. Sabe?, eu também precisei d'ir ó médico, q'arreceitou isto... E disse ó meu home: — Sem dinheiro pròs rumédios, q'havemos de fazer?!...

Hora dolorosa!

A moça fora empregada doméstica de um velho senhor, já no Reino dos Céus, que lhe deixa, por fim, meia dúzia de notas.

— «Da herda, comprámos alguma mobília; pouca. De resto, tudo a prestações; dinheiro que sai todos os meses... E a gente não pode, q'a vida está cara. Adei, ele agora doente!...

Escondemos em sua mão trémula, mais do que o suficiente. Junto dos seus, fica de cara levantada e olhos enxutos!

● Apesar da velhice, ela e o marido ainda são lavradores-caseiros. Trabalham a terra de sol a sol, chancas nos pés, mãos calejadas. Só descansam, um pouco mais, aos domingos e dias santos.

É gente rude, mas de trato fino. Ela d'arrecadas, lenço traçado, saia de roda — segundo a tradição sumida na voragem do tempo. Uma figura típica!

A lavradeira desabafa. Criou um rancho de filhos, tendo apenas dois em casa: uma diminuída mental — o seu calvário — e outro prestes a casar.

Do pouco que juntaram, ao longo de vida penosa, compraram recentemente uma pequena moradia — «prà gente ter onde morrer». Velha, sem condições; mas está em obras, à espera de telhado. Um sorvedouro! — «Q'anto a gente apela, inté o dinheiro da reforma do meu home — lamenta a mulher — é prà casa. Q'ando vem do Porto, o meu filho queixa-se: — Ó mãe, é só batatas, só batatas...?! — Ó meu filho, respondo, tenho de pagar a quem devo... E cala-se!»

Falamos das obras: pedreiros, tro-lhas, materiais...

— «Está tudo p'la hora da morte, tudo!... Já me desfiz de q'anto tinha — inté do meu cordão!...»

Pousa a taleiga na mesa. Respira fundo. Atribuímos este aperto no coração ao valor estimativo do cordão: — «Ele era tam lindo, tam pesado! Muito antigo... Era o meu cordão!»

Vamos ajudar a cobrir a moradia. Telhas novas, que as velhas «já não agantam, ralam-se nas mãos» — acentua ela com ênfase.

**PARTILHA** — A construção da moradia — as carências dos Pobres — provocam, na hora própria, um abrir de mãos e braços em partilha fraternal que ultrapassa as fronteiras; exactamente porque o português é cidadão do mundo!

Eis a procissão: Assinante 29585, 100\$00 «para a compra de uma telha para a casa que estão a construir, para a mulher separada do marido».

Anónimo d'algures, em papel e letra tão simples, manda «pequenina ajuda com muito carinho». Outra migalha, de 500\$00, «duma Amiga» que pede a «Pai Américo interceda por nós, lá no Céu, onde se encontra há 25 anos».

Mais outra migalha de uma «Avozinha» para «ajuda de algumas telhas». L. C. agradece «a oportunidade que nos dão de fazermos algum bem» e comparece com 750\$00. Anónimo com 1.000\$00 e uma pergunta:

— «Será que dá para uma telha?»

— Dá para mais! «Uma portuense qualquer» enfileira pelos meses de Agosto e Setembro — «a fim de colaborar na construção da casa»; e, mais adiante, sublinha: «Vou louvando o Senhor pelas maravilhas que Ele opera através das vossas mãos pecadoras».

C. S. M., da capital, 1.000\$00. Maria Arminda, do Porto, 500\$00. «Mãe amiga», de Trás-os-Montes, cinco vezes mais. E outra nota de «uma Alentejana», ora no Porto, que aparece de vez em quando.

Sem destino determinado — para acções que temos em mãos — recebemos 500\$00 do Porto; mil em cartão singelo; três vezes mais por intermédio do Espelho da Moda; uma série de presenças da assinante 19177; 1.500\$00 da Rua de Saragoça, Coimbra; Anónimo do Porto, mil; e quatro notas de Sartrouville, França, para «essas mães viúvas que vivem em dificuldades com os seus filhinhos».

A partilha do vencimento mensal, de Paço de Arcos. Oh perseverança! Luso, «por uma graça recebida» — 1.500\$00. Assinante 3119, de Paço de Arcos também, deposita donativo no Espelho da Moda. Ainda no Espelho da Moda, mil da assinante 13519. Dos arredores da Sertã, metade. Sacerdote muito amigo, da Guarda, comparece mais uma vez

«para as maiores necessidades da Conferência». Por fim, assinante 9790 abre sua alma grande:

«Junto um cheque para a Conferência».

Tomo a liberdade de pedir uma oração ao Céu para que não percamos de vista o tempo que passa. E, assim, o aproveitemos no Bem. E deste modo o Amor de Deus reine à nossa volta. Se, no entanto, a nossa orientação tem sido diferente, que Deus nos ajude a encontrar o Caminho certo; aquele Caminho que não engana e nos conduzirá definitivamente ao Pai.»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Praia de Mira

A nossa Casa da Praia de Mira já se encontra fechada, depois de quatro meses agitados.

Abriu com os nossos mais pequenitos e fechou com um grupo de irmãos nossos, idosos, que se encontram no Lar de S. José (Covilhã).

A estadia destes irmãos (que outrora foram trabalhadores e construtores da sociedade) em nossa Casa, foi muito interessante, pois dois deles (com idades oscilando entre os 70 e os 80 anos) nunca tinham visto o mar — um grande mistério da Natureza que é belo observar.

Espero muito que os nossos rapazes tenham aproveitado da melhor maneira suas férias à beira-mar, pois não é qualquer um que tem esta oportunidade. E se nós a temos, devemos-la aproveitar o melhor possível, porque apesar de nós já termos visto inúmeras vezes o mar, devemos compreender e aceitar que existem muitas e muitas pessoas (por esse Portugal fora) que nunca o viram e que decerto gostariam de ver (por vezes com mais necessidade que nós!); pessoas que nunca tiveram oportunidade, como nós, de passar quinze dias à beira-mar!

Nas duas vezes que tive oportunidade de me encontrar com aquele grupo de velhinhos, de assistir à Missa com eles, de comer com eles... — e porque «os olhos são o espelho da alma» — pude claramente descobrir-lhes o seu estado de espírito: Alguns com sorriso quase abalado e alma serena, davam a entender que, enquanto podiam, tinham direito e deram tudo o que tinham a dar, e que, por isso, nada teriam a recear na sua velhice. Se tinham trabalhado enquanto podiam, teriam direito a viver a sua velhice tranquilamente.

Não queria deixar de salientar, que muito me admirou a amabilidade, a disponibilidade e a paciência com que aquelas poucas irmãs se dedicavam a estes nossos irmãos. Que todos procuremos ter amabilidade, disponibilidade e paciência para carregar a nossa cruz aos ombros para assim merecermos o Reino de Deus.

Peço a Deus por estas irmãs para que não desanimem nem percam a esperança; mas, sim, ganhem mais força e mais coragem para se dedicarem mais e melhor a estes irmãos idosos, dando-lhes o amor que, decerto, não encontraram noutro lugar, senão ali.

Carlitos

# Auto-construção

Temos muito respeito e admiração pela heróica legião de Auto-construtores do meio rural; e, também, pelos Trabalhadores que adquirem (ou tentam adquirir) habitação própria — andar ou moradia — em zonas urbanas ou suburbanas.

Geralmente, são Famílias que, pelo custo de vida, fazem investimentos (a médio e longo prazos) com amortizações superiores ao nível de poupança; e, durante muitos anos, quantas vezes apertam o cinto até ao último furo para usufruírem um direito primário — tecto com o mínimo de decência.

Face ao monstruoso défice habitacional (700, 800 mil fogos...), e como se trata, efectivamente, do mais grave problema nacional — que atinge sobremaneira as classes de menores recursos — as facilidades ou incentivos estão longe do suficiente, muito mais da optimização. Mas vão surgindo, lentamente. Têm de surgir para que não haja Famílias sem tecto decente; e, até, para limpar o nome do País no quadro das nações...

Recentemente foram introduzidas alterações no regime fiscal no campo da Habitação, favorecendo o adquirente de

moradia própria e, também, a Auto-construção, literalmente indicada — pela primeira vez, que a gente saiba! — em nota divulgada pelo Terreiro do Paço, nesta matéria. Bom sinal! Já distinguem uma Força tão marginalizada, ainda que reconhecida pela Constituição vigente.

A laia de parêntesis — e muito a propósito: Há pouco tempo, um Auto-construtor que já habita sua casa, perora novamente isenção de contribuição predial urbana. Formaliza requerimento, que entrega na repartição competente. O documento regressa, porém, ao ponto de partida com a alegação verbal de que não haveria legislação específica para a Auto-construção!

Ora bem; para conhecimento dos interessados — e são tantos! — aí vão alterações introduzidas, recentemente, no regime de sisa e contribuição predial urbana, ampliando significativamente os benefícios concedidos para aquisição de habitação própria e Auto-construção:

A isenção de sisa passa a vigorar até aos 2.750 contos.

O valor do fogo não é avaliado pelas Finanças, mas o fixado pelo Banco que conce-

de o empréstimo para a respectiva aquisição.

Relativamente à contribuição predial estabeleceram-se dois regimes distintos:

— para aquisição de moradia sem recurso ao crédito ou através da Auto-construção,

— e através do crédito bonificado para aquisição de casa própria.

No que se refere ao primeiro grupo — Auto-construção ou compra sem empréstimo bancário — são concedidos os seguintes benefícios em contribuição predial: prédios ou andares de rendimento até 137.500\$00 — 10 anos de isenção; para valores entre 137 mil e quinhentos escudos e 175 contos — 6 anos de isenção; entre 175 e 250 contos — 3 anos de isenção. Acima deste valor não há isenção.

O segundo grupo ou hipótese — aquisição por intermédio do crédito bonificado — tem os seguintes benefícios: Estando isento de sisa, 10 anos de isenção de contribuição predial; com sisa reduzida a 60%, 40% ou 20%, a isenção de contribuição (vulgo décima) vigorará 6, 4 e 2 anos respectivamente.

Por fim, uma inovação — segundo a legislação em vigor: estes benefícios poderão ser alargados para Deficientes cujo grau de incapacidade seja superior a 20%. É um acto de Justiça!

Júlio Mendes

## TRIBUNA DE COIMBRA

Depois de alguns dias de férias que todos passámos na Praia de Mira; depois de parte das colheitas feita; depois de couves plantadas e nabos e erva semeados; depois de uns arranjos e pinturas a paredes, portas e janelas de algumas das nossas instalações, eis-nos na esperança do novo ano que vai começar.

Alguns dos mais velhos, dos 15 aos 20 anos, em número de 21, fizeram dois dias de convívio espiritual para fortalecerem mais as suas vidas jovens e arrancarem para a vida com ideal.

Ontem, às 9 horas, tocou a sineta para os da Escola Primária. Tinha-lhes dito que celebrava a Eucaristia a essa hora e os que quisessem rezar comigo se reunissem no Oratório. Ficou a sala cheia e os três professores apareceram também. Depois seguiram e as três salas de aula ficaram ridentes de vida. Vidas a desabrochar. Botões de rosa a abrir.

Enquanto assistíamos à distribuição dos alunos pelas salas, mais uma vez sentimos as nossas limitações. Alguns com 14 anos e sem esperança da 4.ª classe. Muitos outros há 3 e 4 anos na mesma classe. Outros ainda nem sequer têm consciência das suas limitações e deixam-se andar.

Padre Horácio

Todos os anos os professores nos dão um breve resumo do seu trabalho anual e aparecem sempre os que não são capazes de acompanhar a classe. Não são capazes de caminhar e, de algum modo, atrasam a caminhada. Este ano tentámos junto da Direcção Escolar para melhor irmos ao encontro destes que são limitados por várias deficiências. Pedimos, ao menos, mais um professor que venha dar apoio; ou um novo lugar e cada professor com sua classe; ou professor de apoio com o grupo dos que têm mais dificuldades. Fomos bem recebidos, como ali temos sido sempre. Deram-nos esperança. Pediram que enviássemos relatório dos mais necessitados. No relatório foram feridas tremendas que, agora, em parte cicatrizadas, um dia poderão voltar a sangrar, se não as curarmos. Eles são sempre vítimas!

Para os ajudar a curar demos uma volta de limpeza às duas salas e preparámos duas salas novas: forradas em cima a corticite e dos lados a madeira, e o chão foi alcatifado. Encomendámos algum mobiliário novo.

O ano escolar começou para estes. E com este começar vai sempre a nossa esperança.

### Retalhos de Vida

## O Mário



Sou natural de Pinhal Novo e nasci a 2 de Junho de 1962.

Vim para a Casa do Gaiato de Setúbal a 22 de Maio de 1972 com um irmão que, na altura, contava apenas dois anos de idade. Nós viemos para a Casa do Gaiato por razões familiares.

Eramos seis irmãos, cada um de seu pai. Minha mãe não era suficientemente normal, tanto física como mentalmente.

Apesar dos seus problemas, tratávamo-la como podíamos. Saía de casa de manhã para só voltar à noite, para que nós tivéssemos comer no dia seguinte.

Nos princípios de 1972 uma senhora começou a tratar para, eu e meu irmão, virmos para a Casa do Gaiato, sem que minha mãe se apercebesse, porque ela não queria que nós viéssemos para cá. Aconteceu que, no dia 22 de Maio, nós viemos.

Agora já cá estou há nove anos e sinto-me bem com o meu irmão, apesar de que estaria bem com a minha família — se fosse normal.

Sou litógrafo (fotógrafo offset). Sinto-me bem com o que faço e penso seguir a carreira das Artes Gráficas.

Aqui termino, com um abraço para todos os leitores de O GAIATO, em Setúbal.

Mário da Silva

no Lar. 5.000\$ de Castedo Branco. 300\$ do «reembolso duma consulta médica». Da R. Anselmo Braancamp, 1.450\$. De Leiria, os 2.000\$ mensais de sempre. Da Foz do Douro, o donativo anual de 40.000\$. E 6.000\$ do Porto, de aumentos

ção. 3.000\$, de Oeiras, por uma graça concedida. E roupas de Lamego. 2.500\$ de um amigo de S. João da Madeira. E do longínquo Brasil, 14.481\$ de Niterói. 5.000\$, de Porto de Mós, «para tapar um dos vossos buracos». 10.000\$ por

## Do que nós necessitamos

De quem tem pena de não nos poder ajudar como desejava, 200\$. Dum aumento de ordenado, 500\$ de Maria de Fátima. 3.000\$ de Gondomar. 500\$ de Braga. De Sintra, 2.000\$ de uma promessa. 1.000\$ «em acção de graças pelos filhos que Deus me deu». 500\$ de Nazaré. Do pai do nosso Manuel Abílio, 1.000 cruzeiros. 200\$ de Avanca. A mensalidade em selos do correio que nos vem da Amadora. 2.000\$ de Matosinhos. Anónimo da Trofa com cheque de 6.000\$. Por alma de Constança, 2.000\$. Vários anónimos com 1.000\$, 10.000\$, 250\$ e 1.000\$. De Tomar, duma professora primária reformada, 4.000\$. Ass. 6871, 5.000\$. Muitos e variados donativos entregues no Lar do Porto.

1.000\$ de Évora, «de uma alegria partilhada». 1.500\$ do Fundão. E os 300\$ mensais, que há longos anos levantamos na Rua 31 de Janeiro, no Porto. 1.000\$ por alma de Manuel Gonçalves. 5.000\$ de Grijó. Da Drogeria Oliveira, 1.500\$. De Meliças, 2.000\$ e vestuário. De Lisboa, 1.000\$ de uma promessa. 500\$ por uma graça, de Macedo de Cavaleiros. 25 contos de Nelas. 4.000\$ do Porto,

de ordenado e percentagens de subsídios de férias, das filhas da assinante 10.737, que Deus haja.

50 contos do ass. 13731. De quem aparece muito frequentemente, 2.000\$. De Lisboa, 1.500\$. Dez contos do ass. 7649. De Pinhel, 500\$. De Válega, 2.496\$20 em sufrágio da alma do P.e Agostinho Nunes. E 40.000\$ de Gueifães. 2.000\$ da Póvoa de Varzim. Igual importância de Santo Tirso, acompanhada de um pacote de roupas. 1.000\$ da ass. 31211. Mais 2.500\$ da capital. Maia, vale de 10.000\$. Desta terra, há uma família amiga que muitas vezes aparece com suas ofertas. 500\$ de Venda do Pinheiro. Mais 2.500\$. E vale de 1.000\$ da Senhora da Hora, para ajuda das sandálias dos nossos «Batatas». Veio no Verão, este donativo, e está tudo dito!

Parte da reforma de uma empregada de Tortosendo: 2.000\$. De Ermesinde, 100\$. De Águeda, 5.000\$. Mais 7.000\$, de Belazaima do Chão. 2.000\$ de Espinho. 2.500\$ da R. Ramalho Ortigão. Promessa de Gaia com 100\$. Também de uma promessa, 1.000\$ de Mon-

alma de Jaime Fernandes. 2.000\$ da Indasa. Virgínia com 500\$. De Sacavém, 1.000\$. De quem se lembra das nossas férias, 3.000\$. Da ass. 26906, cheque de 5.650\$, primeira reforma enviada com muito amor.

Dum benfeitor anónimo de Vagos e por intermédio do seu Pároco, 53.000\$. De Fátima, 100\$. «Em cumprimento de obrigação assumida», 2.500\$ do Porto. 2.250\$ da Rua do Freixo. Anónimo com 3.060\$. Do Bairro do Amial, 500\$. De Carviçais, ass. 1174 com 1.000\$. É dos primeiríssimos este nosso Amigo! 2.000\$ do Porto. E 1.500\$ de Fiães. E 20 dólares do Canadá. Migalhinha de 100\$, duma senhora de idade, na Ordem de S. Francisco. 500\$ em cumprimento duma promessa, da Pousada de Saramagos. Também duma promessa a Pai Américo, 5.000\$ dum emigrante na Alemanha.

Foram várias as ofertas pela passagem dos 25 anos da «partida» de Pai Américo. 25.000\$ de Gaia. 2.000\$ da Maia. 100\$ de Carcavelos. 500\$ de Tomar. 1.000\$ de Carnaxide. Mais 2.000\$ do Porto, da R. Egas

Cont. na 4.ª página

# NOTA DA QUINZENA

Recordo, com saudade, um amigo pobre e muito doente. Morava numa casinha pequena entre rochedos e coberta de chapas de zinco. Quando eu entrava, o seu olhar ansioso nunca procurava o embrulho — mas só os meus olhos, na esperança de que me sentasse a seu lado. Ele queria o meu tempo, a minha amizade, o laço d'amor.

Não era o pão para a fome... Era um pouco de carinho para mitigar a sua solidão.

Hoje, sinto remorsos de tantas correrias!

Sacerdote e levita..., o bom Samaritano parou. Desceu da montada. Esqueceu-se de si próprio. Deu-lhe o seu tempo. Lavou-lhe as feridas com o mais precioso que possuía. Levou-o na sua montada. Pagou ao estalajadeiro toda a despesa.

«Faz tu o mesmo» — diz Cristo aos cristãos de hoje. Faz. Realiza. Obras.

Não foi o azeite que gastou nas feridas; nem tão pouco o dinheiro da pensão.

Foi o debruçar-se sobre o Irmão magoado!

O curar-lhe as feridas!

O carinho!

O laço de amor — profundo e único!

Muitas vezes o dar não traz amor nenhum, nada transmite e nem estabelece o laço de amizade. É mais uma fuga, um despacho e um afago falso ao nosso próprio coração. Quando assim, alimentamos o deserto que nos rodeia.

Deserto gelado!

Não se compreende um cristão que não seja fogo para o derreter com a sua partilha e empenhamento no amor a todos os homens — todos!

Padre Telmo

# Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª página

pensáveis a percorrer. Outros, considerar os deficientes como pessoas e ajudá-los, não só a suportar as suas carências ou limitações, mas a descortinar e a explorar as suas próprias potencialidades espirituais e sociais. É que, como se diz no número três da «Declaração dos Direitos do Deficiente», «as pessoas inválidas — quaisquer que sejam a origem, a natureza e a profundidade da sua deficiência e invalidez — têm os mesmos direitos fundamentais que os seus concidadãos da mesma idade, o que implica em primeiro lugar o direito a viverem uma vida decente, tão normal e plena quanto possível».

Cuidados médicos próprios, ensino e educação apropriados, acesso ao emprego em trabalhos possíveis, repúdio por qualquer tipo de marginalização, em ordem a uma participação real na vida da sociedade, eis, entre outras, medidas a ter em conta para que o deficiente se possa realizar efectivamente, por e em si, na e para a sociedade de que faz parte.

Entre as facilidades a proporcionar aos deficientes para que se afirmem e realizem, não queremos deixar de referir três aspectos práticos, en-

tre os muitos pertinentes. Primeiro, é na família que o deficiente encontra o meio mais natural e mais adaptado para o desenvolvimento. Apoiar a família é, pois, indispensável e, por isso mesmo, também toda a acção de recuperação deve ser orientada nesse sentido, porque é na família que se encontram ou devem encontrar os afectos naturais, insubstituíveis e ímpares. Não basta, porém, apoiar a família; é preciso que os seus membros sejam educados no sentido de assumirem as suas responsabilidades, nas horas boas e más, em todas as circunstâncias e com os mais variados condicionalismos, sem demissões ou egoísmos.

O segundo aspecto que de-sejamos referir é o do ensino apoiado, mormente da formação profissional, que não deve revestir aspecto asilar como, tantas vezes, sucede. Formar e profissionalizar os deficientes é uma necessidade, dando lugar a outros e assim sucessivamente.

Com este segundo apontamento se liga o terceiro que pretenderíamos esboçar: o do emprego. O Estado e as Companhias nacionalizadas deveriam dar o exemplo, aceitando nos seus quadros, sempre que

possível, os deficientes com preparação ou capacidade. Telefonistas, tipógrafos, cobradores sentados, professores, manipuladores de embalagens, empregados de escritório, etc., ocupariam, sempre que viável, ou em igualdade de condições, algumas das vagas existentes. Continuaremos.

De há anos a esta parte, como aliás já aqui referimos, têm-se multiplicado as dificuldades de acesso aos nossos pequenos vendedores de O GALATO nos Bancos, em certos sectores dos C. T. T.-T. L. P. e outros locais, onde habitualmente tinham excelente acolhimento e recebiam provas de carinho e de afecto ímpares. Lamentamos o facto e estranhámos que se aduzam razões de segurança ou de eficiência laboral, aliás pouco convincentes.

Aos nossos Amigos sugerimos que descortinem pistas para vencer os escolhos postos, que há sempre maneiras correctas e inteligentes para os vencer. De resto, custa-nos a crer que os obstáculos postos sejam definitivos e irremovíveis. Para todos vão as saudações dos Rapazes e do autor destas linhas.

Padre Luiz

## Do que nós necessitamos

Cont. da 3.ª pág.

Moniz. Presença de Ermesinde. 500\$ de Porto Salvo. 7.000\$ de Maria Rosa, de Gaia. 10.400\$ de Paço de Arcos. 500\$ de Conceição, por uma graça concedida. Avó de Coimbra com 100\$, pela graça que recebeu de uma neta. 500\$ de Venda do Pinheiro. M. L. com 4.000\$, de aumento de 4 meses, com o propósito de continuar. 970\$ produto dum programa da rádio, feito sobre os escritos de Pai Américo.

Da ass. 16264, de Braga, 800\$. E a informação de que sempre, e todos os meses, a vossa presença tem chegado bem. Da Maia, Pessoal da Fábrica de Passamanarias Elgui, 1.270\$; mais 1.000\$ entregues

assim não for, não sei por onde virá. Que a paz arrastada pela exacta equivalência de mísseis contra mísseis não é Paz.

Padre Carlos

Manuel Pinto

# Ensino social da Igreja

Cont. na 1.ª página

generalizada em muitos campos de produção; o aumento do custo da energia e das matérias de base; a consciência crescente da limitação do património natural e seu insuportável inquinamento; os novos países que reclamam o seu lugar no concerto das nações e nas decisões internacionais — poderão implicar, «para milhões de trabalhadores qualificados, o desemprego, pelo menos temporário, ou a necessidade de um novo adestramento. E, para os países mais desenvolvidos, irão comportar, com muita probabilidade, uma diminuição ou um crescimento menos rápido do bem-estar material. Mas poderão, por outro lado, vir a proporcionar alívio e esperança a milhões de pessoas que hoje vivem em condições de vergonhosa miséria».

O nosso tempo já não se compadece com a restrição a um lugar, a um país, a um agrupamento de pessoas, da problemática social. Hoje tudo é à escala do mundo. «Assim deverá tomar-se em consideração não apenas o âmbito da classe, mas também o âmbito mundial das desigualdades e das injustiças; e, conseqüentemente, não só a dimensão da classe, como ainda a dimensão mundial das tarefas a assu-

mir para a realização da Justiça no mundo contemporâneo.»

Desta universalização dos problemas decorre um esforço de «continua actualização» da parte da Igreja, «da questão do trabalho, sempre na base do pensamento cristão, que tem a sua fonte na Sagrada Escritura, a começar no Livro do Génesis e, em particular, no Evangelho e nos escritos dos tempos apostólicos». Este transcender dos problemas da Justiça do nível de classe para o nível de populações de continentes inteiros (o chamado Terceiro Mundo) constitui para a Igreja uma interpelação cada vez mais forte, que Ela não pode recusar, uma vez que o remédio dos grandes males que afligem a Humanidade depende, mais que nunca, da recta consciência social dos Povos, a qual é feita da rectidão das consciências dos seus cidadãos, na formação das quais a Igreja tem um singular papel a desempenhar. Sem este consenso entre a consciência social imprescindível e a consciência das pessoas que constituem as sociedades, é impossível a Liberdade. Teríamos: ou uma pseudo-liberdade no caos; ou a tirania de sistemas a imporem uma também pseudo-harmonia.

E a que estamos nós assistindo por todo o lado, a cada

momento? A manifestação de um cego e feroz egoísmo de grupos que, na ânsia incontida e descontrolada do seu bem-estar, ignoram e atropelam direitos primários de outros grupos mais numerosos, de quem, aliás, dependem; e provocam actuações em detrimento de interesses mais gerais, onde os seus próprios e mesquinhos interesses acabam por afundar-se também.

Alertar, reflectir, esclarecer, formar — eis a grande missão da Igreja; eis porque todos estes problemas que tão profundamente afectam o Homem, com tanta intensidade A urgem.

Quem dera que a Sua voz fosse ouvida! Teríamos assim fortes razões de Esperança de um mundo novo em que cada homem, cada grupo humano, aguardaria a promoção dos que lhe estão atrás para reivindicar os seus próprios aumentos; em que cada «nação mais desenvolvida» aceitaria alegremente «a diminuição ou o crescimento menos rápido do seu bem-estar», como condição «de alívio e esperança para milhões de homens que hoje vivem em vergonhosa e indigna miséria». Vergonha e indignidade que caem sobre os mais desenvolvidos; de que é urgente e indispensável eles quererem redimir-se.

A Paz vem pela Justiça. Se

por Antónia Lopes. 8.000\$ de Castelo Branco. De uma graça concedida, 440\$. Da R. do Bonjardim, 500\$ da mãe do ass. 17304. Ermesinde 100\$. Dum José, do sul, 2.000\$. De Gaia, sufragando a alma de Antero de Sousa Leite, 30 contos. 5.380\$ dum convívio de amigos, no Porto. 150\$ de anónimo. 1.000\$ por alma de Alberto da Conceição. 200\$ de Antoninha. E a visita anual, sempre carinhosa, que nos faz o Pessoal da Fábrica de Malhas Marão que, ao longo dos anos, nunca falta, cujas migalhas somaram 18.215\$.

Excursão de Areosa, nova Paróquia experimental que, numa lembrança simpática, quis estar conosco no abrir do novo ano pastoral, 8.916\$50 — ofertório da Missa da sua e nossa comunidade. Termine com 100\$: — «Faz 11 anos que faleceu meu marido. Pôr ele tanto amar essa Obra, envio pequena lembrança por sua alma, lamentado não poder dar mais, porque sou uma viúva pobre».



Director: Padre Telmo  
 Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
 Redacção e Administração: Casa do Galato - 4560 PAÇO DE SOUSA - Telef. 95285  
 Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Galato - Paço de Sousa